

## **EXPRESSÃO DA CRIATIVIDADE NA SALA DE AULA POR ESTUDANTES BRASILEIROS**

Maria Cristina Rodrigues Azevedo Joly, Denise de Souza Fleith, Claudio Afonso Soares,  
Nayane Martoni Piovezan, Thalyta Hulsen Lemos  
Universidade São Francisco & Universidade de Brasília, Brasil

### **Resumo**

O objetivo do estudo foi identificar os fatores que contribuem para a expressão da criatividade em sala de aula de alunos da primeira etapa do Ensino Fundamental. Aplicou-se a Escala sobre o Clima para Criatividade em Sala de Aula em 213 alunos de uma escola pública paulista brasileira, sendo 55 do 1º ano, 59 do 2º e 99 alunos do 3º ano. Os participantes tinham idades entre 6 e 9 anos ( $M = 7,59$ ;  $DP = 0,915$ ) e 46,9% eram do gênero feminino. Os resultados evidenciaram percepção positiva dos estudantes do clima criativo de sala de aula, considerando-se que se obteve 73% da pontuação máxima possível para a escala em relação ao escore médio obtido. Para tanto, os fatores que mais contribuíram foram o *Interesse do aluno pela aprendizagem* (Fator 3) e o *Suporte da professora à expressão de ideias do aluno* (Fator 1). A MANOVA indicou diferença significativa para a influência do ano escolar para todos os fatores da Escala, exceção feita ao Fator 2 (*Autopercepção do aluno com relação à criatividade*). Constatou-se também influência do gênero para o Fator 1, sendo que as meninas revelaram ter maior suporte da professora para expressar suas ideias que os meninos.

### **Introdução**

As novas tendências no estudo da criatividade têm enfatizado a influência dos contextos social, histórico e cultural no processo criativo. Sob essa perspectiva, criatividade não pode ser desenvolvida isolando-se o indivíduo do seu contexto. Sternberg e Lubart (1999) ressaltam o valor do ambiente no estímulo à criatividade, ao expressarem que “o indivíduo precisa de um ambiente que encoraje e reconheça suas ideias criativas. O indivíduo pode ter todas as condições internas necessárias ao desenvolvimento do pensamento criativo, mas sem o estímulo do ambiente, sua criatividade nunca se manifestará” (p. 11). Amabile (1996) vai mais além, ao afirmar que “de todos os fatores e ambientes sociais que podem influenciar a criatividade, a maior parte pode ser identificada de alguma forma em sala de aula” (p. 203). Assim, além de preparar alunos e professores na produção de ideias originais em diferentes campos do saber, é também importante estabelecer um clima de sala de aula propício à emergência e desenvolvimento de habilidades criativas.

Neste sentido, vários estudos têm sido conduzidos com vistas a identificar fatores facilitadores e inibidores da criatividade no contexto escolar. Ademais diferentes autores têm sugerido uma

infinidade de maneiras para o cultivo da criatividade em sala de aula (Alencar, 2002, 2007a, 2007b; Alencar & Fleith, 2003; Amabile, 1989; Csikszentmihalyi, 1996; Fleith, 2000; Martínez, 2006; Virgolim, Fleith & Neves-Pereira, 2006; Wechsler, 2002).

Contudo, de acordo com Alencar (2007a, 2007b), a criatividade não tem recebido atenção necessária para seu desenvolvimento, apesar de ter sua importância reconhecida como valioso recurso no contexto de sala de aula. A autora vai além, argumentando que muitas vezes a cultura institucional predominante nas escolas, marcada por normas reticentes à inovação e experimentação, impede ou dificulta a implementação de estratégias de ensino que privilegiem a promoção da criatividade dos alunos. Observa-se, ainda, que sistema educacional vigente se organiza de maneira homogênea, em progressão linear dos conteúdos curriculares, frequentemente requerendo que os alunos se ajustem, aceitem e introjetem padrões de comportamentos e conceitos pré-estabelecidos, em detrimento de sua participação ativa no processo de construção do conhecimento.

Freund e Holling (2008) consideram que professores, no atual contexto de ensino, ainda não lidam bem com a independência e autonomia dos alunos, elementos necessários à produção criativa. Estes autores também reconhecem que embora a criatividade seja uma habilidade altamente valorizada no meio educacional, ela nem sempre está contemplada nas práticas pedagógicas implementadas. Segundo Martínez (2006), “nos últimos anos, a palavra criatividade tem estado cada vez mais presente no vocabulário cotidiano das escolas, paradoxalmente, para fazer referência a algo que não se tem e que se precisa ter” (p. 69).

Em um estudo conduzido por Alencar e Fleith (2002), comparou-se a percepção de alunos e professores do ensino superior em relação ao estímulo do professor à criatividade dos alunos. Os resultados revelam que os professores avaliam suas práticas em sala de aula relacionadas à criatividade dos alunos de modo bem mais positivo do que a avaliação dos alunos relacionada a este aspecto. Em outro estudo implementado por Fleith (2000), buscou-se identificar fatores estimuladores e inibidores da criatividade no Ensino Fundamental, segundo professores e alunos da 4º e 5º anos. O contexto de sala de aula que favorece a criatividade foi caracterizado pelos participantes do estudo como aquele que oferece oportunidade de escolhas, aceita diferentes ideias e focaliza nos interesses do aluno. Já o ambiente inibidor da criatividade seria aquele no qual as ideias dos alunos são ignoradas, os professores são controladores e a estrutura educacional é rígida.

Sem dúvida, é fundamental que as escolas lancem mão de estratégias e recursos de estímulo à criatividade dos alunos, construindo uma ponte de ligação entre conteúdos curriculares e estratégias de ensino do pensamento criativo (Virgolim, Fleith & Neves-Pereira, 2006). Neves-Pereira (2007) enfatiza que o ensino da criatividade deve ser integrado ao universo escolar, uma

vez que constitui ferramenta estratégica para potencializar habilidades e talentos humanos, sendo de aplicação adequada e imediata em qualquer nível de ensino, além de adaptar-se a diferentes propostas metodológicas.

Uma atmosfera criativa em sala de aula pode ser alcançada, segundo Alencar e Fleith (2003), quando o professor: (a) propicia ao aluno a oportunidade de refletir sobre o assunto estudado, propor questões e novas interpretações e avaliar criticamente o que está sendo apresentado; (b) oferece tempo suficiente à reflexão do aluno, a fim de que ele possa desenvolver suas ideias de maneira criativa; (c) promove uma atmosfera de aceitação e respeito entre colegas e professores; (d) incentiva no aluno a habilidade de propor possíveis consequências para fatos imaginários; (e) possibilita que o aluno pense sobre os seus interesses e habilidades, (f) desenvolve o senso crítico e a independência de pensamento dos alunos; (g) incentivar e orienta os alunos a buscar informações adicionais sobre assuntos de seu interesse, (h) relaciona o conhecimento ensinado ao cotidiano dos alunos e (i) aborda assuntos que sejam conectados entre si e que despertem o interesse dos alunos.

Também Wechsler (1998) propõe ao professor implementar uma diversidade de estratégias com vistas a criar um clima de sala de aula favorável à criatividade: permitir aos alunos ideias diferentes das suas; estimular o questionamento e o debate (admitir e buscar várias respostas para uma mesma questão); encorajar a exploração de novos ambientes; estimular a cooperação e não a competição; incentivar a curiosidade e a coragem para a inovação; dar espaço para testagem de hipóteses dos alunos; individualizar o processo de ensino-aprendizagem; oferecer oportunidade para escolha dos alunos (diversidade de materiais e atividades); criar clima de escuta, humor e autoconfiança na sala de aula; criticar com cautela para não intimidar novas ideias dos alunos.

Martínez (2006) nos lembra que o incentivo à criatividade no contexto escolar é tão importante para o bem-estar e desenvolvimento do professor quanto para o desenvolvimento e aprendizagem do aluno. Ademais, ela ressalta que não existem receitas nem estratégias universais de como cultivar a criatividade em sala de aula: tanto aspectos individuais quanto características do ambiente escolar devem ser considerados em contínua interação.

### **Objetivo do Estudo**

Interessados em investigar a extensão em que o clima de sala de aula favorece a expressão da criatividade dos alunos, desenvolvemos um estudo com o objetivo de identificar os fatores que contribuem para a expressão da criatividade em sala de aula de alunos da primeira etapa do Ensino Fundamental.

## **Método**

### **Participantes**

Participaram do presente estudo 213 alunos de uma escola pública brasileira, sendo 55 do 1º ano, 59 do 2º e 99 alunos do 3º ano do Ensino Fundamental. Os participantes tinham idades entre 6 e 9 anos ( $M = 7,59$ ;  $DP = 0,915$ ) e 46,9% eram do gênero feminino.

### **Instrumento**

*Escala sobre o Clima de Criatividade em Sala de Aula* (Fleith & Alencar, 2005). É um instrumento que visa auxiliar na identificação de fatores que contribuem para a expressão da criatividade em turmas do Ensino Fundamental. Possui 26 itens, numa escala *Likert* de 5-pontos (nunca - 1 ponto; poucas vezes - 2 pontos; algumas vezes - 3 pontos; muitas vezes - 4 pontos; sempre - 5 pontos), com pontuação total máxima de 130 pontos. O fator 1 se refere ao “*Suporte da professora à expressão de ideias do aluno*” e possui cinco itens relativos ao apoio que a professora fornece ao aluno para manifestar sua opinião, gerando um clima de respeito às ideias apresentadas pelos alunos, contribuindo para que o mesmo se sinta seguro ao manifestar suas ideias em sala de aula, por exemplo, “Minhas ideias são bem-vindas”. O fator 2, “*Autopercepção do aluno com relação à criatividade*”, inclui quatro itens e diz respeito à imagem que o aluno tem de si em relação ao seu nível de criatividade, por exemplo “Eu me acho criativo(a)”. O fator 3, denominado “*Interesse do aluno pela aprendizagem*”, possui seis itens e é relativo ao envolvimento do aluno com o trabalho escolar, por exemplo “Eu gosto da matéria ensinada”. O fator 4, que se refere à “*Autonomia do aluno*”, tem quatro itens que dizem respeito ao traço de personalidade do aluno associado à criatividade, como por exemplo “Eu posso escolher o que eu quero fazer”. O fator 5, “*Estímulo da professora à produção de ideias do aluno*”, tem três itens e condiz com a postura de incentivo e aceitação do professor às ideias geradas pelos alunos, por exemplo “A professora me pede para pensar em novas ideias”. O estudo de Fleith e Alencar (2005) sobre as características psicométricas da prova revelou que a precisão aferida pelo coeficiente *alfa de Cronbach* é de 0,73 para o fator 1; 0,66 para os fatores 2 e 3; 0,55 para o fator 4 e 0,58 para o fator 5. A correlação item - total variou de 0,30 a 0,58.

### **Procedimento**

Após o contato com a escola, foi solicitada a autorização da direção bem como dos pais ou responsáveis para a realização da pesquisa com os alunos por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os horários foram agendados com os professores, por sala de aula. A aplicação ocorreu de forma coletiva, com dois aplicadores por sala de aula, que explicaram e garantiram que os alunos haviam entendido a tarefa e responderam à escala atendendo as

orientações dadas. Os professores optaram por não permanecer em sala de aula. O tempo médio de aplicação foi de 30 minutos para cada turma.

### **Resultados e Discussão**

A estatística descritiva indicou que a pontuação máxima atingida na Escala sobre o Clima de Criatividade em Sala de Aula foi igual a 88 pontos e a mínima foi de 13 pontos ( $M = 64,02$ ;  $DP = 13,27$ ). Esses resultados evidenciaram percepção positiva dos estudantes para o clima criativo de sala de aula, considerando-se que se obteve 73% da pontuação máxima possível para a escala em relação ao escore médio obtido. Esse resultado pode indicar que o contexto de aprendizagem em que estão inseridos os alunos possibilite o desenvolvimento do pensamento criativo, atendendo à perspectiva proposta por Amabile (1996), Sternberg e Lubart (1999), Alencar e Fleith (2003), dentre outros autores.

A Tabela 1 apresenta as porcentagens de respostas dadas para cada item da Escala considerando suas opções possíveis. Destaca-se que para a opção “nunca” a maior porcentagem de resposta foi dada para o item 16 “Eu posso escolher o que eu quero fazer” (44,1%) e a menor para o item 10 “Eu tenho muitas ideias” (3,8%). Já para a opção “poucas vezes”, a menor porcentagem obtida foi quanto ao item 13 “Eu gosto da matéria ensinada” (1,4%) e o item 6 “Eu me acho criativo(a)” (16,9%) teve a maior porcentagem. Para a opção “algumas vezes”, observou-se menor porcentagem de respostas para o item 18 “Eu aprendo muitas coisas” (3,8%) e maior porcentagem para o item 3 “Minhas ideias são bem-vindas” (22,5%).

Em relação à opção “muitas vezes”, verificou-se que o item com maior porcentagem de resposta dada foi o de número 10 “Eu tenho muitas ideias” (21,6%) e os de menor porcentagem (7,0%) correspondeu aos itens de número 4 e 16, sendo “Eu procuro fazer as tarefas de maneiras diferentes” e “Eu posso escolher o que eu quero fazer”, respectivamente. A opção “sempre” obteve maior porcentagem de resposta (75,6%) nos itens 18 “Eu aprendo muitas coisas” e 22 “Eu tenho ideias diferentes”.

Cabe destacar que a frequência de respostas apresentadas revela, por um lado, uma autopercepção do aluno bastante positiva quanto ao seu potencial criativo, e de outro indica o controle docente do contexto de aprendizagem no tocante à rotina da sala de aula, como aponta Alencar (2007a, 2007b). Ao lado disso, há de se considerar que as ideias apresentadas pelos estudantes, segundo sua percepção, são bem-vindas. Tal divergência entre as ações do professor em sala de aula e seu estímulo à criatividade observada no presente estudo confirmam os estudos de Fleith (2000), Martínez (2006) e Freund e Holling (2008). Faz-se necessário salientar que, de acordo com Virgolim, Fleith e Neves-Pereira (2006), há dificuldade por parte dos professores para integrarem estrategicamente atividades criativas aos currículos escolares.

Tabela 1

*Frequências, em Porcentagem, das Respostas Dadas aos Itens da Escala e Respectivas Medidas de Tendências Centrais (Mínimo, Máximo, Média e Desvio-padrão)*

Item	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre	Mínimo	Máximo	Média	DP
1. A professora ouve as minhas ideias.	10,8	11,7	10,8	13,6	53,1	0	4	2,86	1,43
2. Eu tenho oportunidades de participar de várias atividades.	5,6	2,8	8,0	17,4	66,2	0	4	3,36	1,11
3. Minhas ideias são bem-vindas.	8,0	9,9	22,5	17,4	42,3	0	4	2,76	1,30
4. Eu procuro fazer as tarefas de maneiras diferentes.	33,8	14,6	10,8	7,0	33,8	0	4	1,92	1,71
5. A professora me incentiva a mostrar meu trabalho para outros alunos.	31,5	15,5	16,0	8,5	28,6	0	4	1,87	1,62
6. Eu me acho criativo(a).	11,3	16,9	8,0	14,6	49,3	0	4	2,74	1,48
7. A professora me dá tempo suficiente para pensar sobre uma história que eu tenho que escrever.	5,6	7,5	6,1	9,9	70,9	0	4	3,33	1,21
8. Eu uso minha imaginação.	7,5	5,6	7,0	13,6	66,2	0	4	3,25	1,25
9. Os trabalhos que faço são divertidos.	5,6	5,6	8,5	14,1	66,2	0	4	3,30	1,18
10. Eu tenho muitas ideias.	3,8	7,0	13,6	21,6	54,0	0	4	3,15	1,13
11. Quando eu começo uma tarefa, eu gosto de terminá-la.	6,1	3,3	6,1	13,6	70,9	0	4	3,40	1,13
12. A professora se importa com o que eu tenho a dizer.	5,6	7,5	13,6	15,0	58,2	0	4	3,13	1,23
13. Eu gosto da matéria ensinada.	4,2	1,4	6,6	13,6	74,2	0	4	3,52	0,98
14. Eu sou estimulado(a) a pensar em novas ideias.	7,5	6,6	11,3	17,8	56,8	0	4	3,10	1,27
15. Eu aprendo coisas que realmente me interessam.	8,5	4,2	6,1	14,6	66,7	0	4	3,27	1,26
16. Eu posso escolher o que eu quero fazer.	44,1	14,6	13,6	7,0	20,7	0	4	1,46	1,58
17. Eu sou incentivado(a) a pensar em muitas ideias.	8,5	8,9	11,7	16,0	54,9	0	4	3,0	1,33
18. Eu aprendo muitas coisas.	6,1	1,9	3,8	12,7	75,6	0	4	3,50	1,08
19. Eu fico tão envolvido(a) com as tarefas que eu não sei o que está acontecendo ao meu redor.	14,6	8,9	19,2	11,3	46,0	0	4	2,65	1,48
20. Eu sou incentivado(a) a chutar um palpite quando eu não sei a resposta para uma questão.	32,4	13,6	10,8	12,2	31,0	0	4	1,96	1,67
21. Eu tenho ideias diferentes.	6,6	8,9	12,7	18,3	53,5	0	4	3,03	1,27
22. Eu sinto orgulho de mim.	5,2	3,3	7,0	8,9	75,6	0	4	3,46	1,10

Quanto à análise por fator, os escores de cada fator foram colocados na escala padronizada visando sua comparação devido à quantidade diferente de itens em cada um. Considerando a média das pontuações, verificou-se que o fator 3 (Interesse do aluno pela aprendizagem) foi o que mais contribuiu para o clima criativo em sala de aula segundo os alunos participantes deste estudo, enquanto o fator 4 (Autonomia do aluno) foi o que menos contribuiu (Tabela 2). Tais resultados corroboram os estudos de Alencar (2007a, 2007b) e Freund e Holling (2008).

Tabela 2

*Escores Mínimo e Máximo, Média e Desvio-padrão do Instrumento em Escala Padronizada*

	Mínimo	Máximo	Média	DP
Fator 1	-4,52	-3,32	-3,66	0,300
Fator 2	-4,82	-3,62	-3,98	0,261
Fator 3	-4,75	-3,02	-3,28	0,303
Fator 4	-4,82	-3,62	-4,20	0,302
Fator 5	-4,82	-3,92	-4,16	0,216

Visando analisar o efeito das variáveis de status (ano escolar, idade e gênero) sobre o escore total da escala e por fator, utilizou-se a MANOVA. Constatou-se diferença multivariada estatisticamente significativa por ano escolar para Fator1 ( $F [2, 210] = 3,588; p=0,029$ ), Fator3 ( $F [2, 210] = 10,135; p=0,000$ ), Fator 4 ( $F [2, 210] = 4,605; p=0,011$ ), Fator 5 ( $F [2, 210] = 12,447; p=0,000$ ) e escore total ( $F [2, 210] = 9,604; p=0,000$ ), com exceção ao Fator2 ( $F [2, 210] = 0,697; p=0,499$ ). O 1º ano obteve os maiores escores em relação ao 2º e 3º anos, como se pode observar na Tabela 3.

Tabela 3

*Subconjuntos Formados pela Prova de Tukey para os Fatores e Escore Total da Escala de Criatividade em Razão dos Anos Escolares*

Fatores	Grupo	Ano escolar		
		1º ano	2º ano	3º ano
Fator 1 - Suporte da professora à expressão de ideias do aluno	1	17,18		
	2		14,42	15,07
Fator 2 - Autopercepção do aluno com relação à criatividade	1		10,55	10,84
	2	12,12		10,84
Fator 3 - Interesse do aluno pela aprendizagem	1		18,71	
	2	21,90		20,66
Fator 4 - Autonomia do aluno	1		7,18	7,14
	2	11,40		
Fator 5 - Estímulo da professora à produção de ideias do aluno	1		8,08	8,02
	2	10,90		
MSA Total	1		58,96	61,74
	2	73,52		

A MANOVA não indicou diferença significativa para a variável idade ( $F[3,209]=0,270$ ;  $p=0,847$ ), porém a análise *post hoc* de Tukey foi sensível na separação da amostra em dois grupos, considerando o escore total da Escala, como mostra a Tabela 4.

Tabela 4

*Subconjuntos Formados pela Prova de Tukey para Escore Total da Escala de Criatividade em Razão da Idade*

Idade	N	MSA Total	
		1	2
6	33		73,84
7	52	64,61	
8	98	60,44	
9	30	63,83	
<i>p</i>		0,380	

O teste *t* de student constatou também influência significativa (marginal) do gênero para o fator 1 (Suporte da professora à expressão de ideias do aluno) [ $t(211) = 191$ ;  $0,57$ ], sendo que as meninas ( $M = 15,99$ ;  $DP = 3,87$ ) revelaram maior suporte da professora para expressar suas ideias que os meninos ( $M = 14,94$ ;  $DP = 4,05$ ). Não houve diferença significativa para o gênero em relação aos outros fatores da Escala. Talvez isso seja um indicador de que a professora dá maior suporte às ideias das meninas, por identificação de gênero, efeito esse a ser investigado em estudos futuros.

### **Conclusões**

Os resultados obtidos apontam, de um modo geral, para a percepção positiva dos alunos acerca do clima de sala de aula para criatividade. Contudo é importante destacar que as dimensões melhor avaliadas pelos participantes do estudo são as que se referem ao interesse pela aprendizagem e crença no seu potencial para criar. Por outro lado, os dados sugerem que as estratégias de ensino implementadas em sala de aula pouco estimulam a autonomia e independência do aluno no seu processo de aprendizagem. Os alunos mais jovens apresentaram uma percepção mais positiva do clima de sala de aula quanto à criatividade o que pode indicar que: (a) com o passar dos anos escolares ocorre um declínio no nível de criatividade discente ou (b) a relação professor-aluno no início da escolarização é mais pautada pela afetividade, criando uma atmosfera escolar receptiva às necessidades e demandas dos alunos. Quanto à comparação entre alunos e alunas acerca do clima de sala de aula para criatividade, os achados revelam

diferença em um único fator - Suporte da professora a expressão de ideias. Possivelmente as alunas se identificam com a professora responsável pela turma. Resultado similar foi obtido por Fleith e Alencar (2006) em uma pesquisa envolvendo alunos de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental.

Este estudo destaca a importância de características individuais como também do ambiente escolar para o desenvolvimento da criatividade, em consonância com as tendências recentes da pesquisa em criatividade (Alencar & Fleith, 2003; Amabile, 1996; Csikszentmihalyi, 1996; Sternberg & Lubart, 1991). Ademais, chama a atenção para a necessidade do professor refletir sobre sua prática docente e de se capacitar continuamente de forma a implementar condições em sala de aula favoráveis ao desenvolvimento da criatividade. Para estudos futuros recomenda-se examinar a influência de gênero, tanto do professor quanto do aluno, na avaliação da atmosfera de sala de aula no que se refere à criatividade, comparar os dados obtidos com os de escolas particulares, bem como investigar se há relação entre nível de escolarização e percepção do clima de sala de aula para expressão da criatividade.

### **Referências**

- Alencar, E. M. L. S. (2002). O contexto educacional e sua influência na criatividade. *Linhas Críticas*, 8, 165-178.
- Alencar, E. M. L. S. (2007a). *Como desenvolver o potencial criador – orientação a professores*. Anais do VI Congresso Internacional de Educação (pp. 17-22). Recife: Sapiens.
- Alencar, E. M. L. S. (2007b). O papel da escola na estimulação do talento criativo. Em D. S. Fleith & E. M. L. S. Alencar (Orgs.), *Desenvolvimento de talentos e altas habilidades* (pp. 251-161). Porto Alegre: Artmed.
- Alencar, E. M. L. S. & Fleith, D. S. (2002). *Percepção de professores e estudantes universitários quanto ao estímulo à criatividade: um estudo comparativo*. Relatório técnico, CNPq, Brasília, DF.
- Alencar, E. M. L. S. & Fleith, D. S. (2003). *Criatividade. Múltiplas perspectivas*. Brasília: Editora UnB.
- Amabile, T. M. (1989). *Growing up creative*. Buffalo. New York: The Creative Education Foundation Press.
- Amabile, T. M. (1996). *Creativity in context*. Boulder. CO: Westview Press.
- Csikszentmihalyi, M. (1996). *Creativity*. New York: HarperCollins.
- Fleith, D. S. (2000). Teacher and student perceptions of creativity in the classroom environment. *Roepers Review*, 22, 148-152.
- Fleith, D. S. & Alencar, E. M. L. S. (2006). Percepção de alunos do ensino fundamental quanto

ao clima de sala de aula para criatividade. *Psicologia em Estudo*, 11, 513 - 521.

Freund, P. A. & Holling H. (2008). Creativity in the classroom: A multilevel analysis investigating the impact of creativity and reasoning ability on GPA. *Creativity Research Journal*, 20, 309-318.

Martínez, A. M. (2006). Criatividade no trabalho pedagógico e criatividade na aprendizagem: uma relação necessária? Em M.C. Tacca (Org.), *Aprendizagem e trabalho pedagógico* (pp. 69-94). Campinas: Alínea.

Neves-Pereira, M. S. (2007). Estratégias de promoção da criatividade. Em D. S. Fleith (Org.), *A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação* (pp. 13-33). Brasília: SEESP/MEC.

Sternberg, R. J. & Lubart. T. (1999). The concept of creativity: Prospects and paradigms. Em R. J. Sternberg (Org.), *Handbook of creativity* (pp. 3 - 15). New York: Cambridge University Press.

Virgolim, A. M. R., Fleith, D. S. & Neves-Pereira, M. S. (2006). *Toc, toc... plim, plim: lidando com as emoções, brincando com o pensamento através da criatividade* (8ª ed.). São Paulo: Papirus.

Wechsler, S. M.(1998). *Criatividade: descobrindo e encorajando*. São Paulo: Psy.

Wechsler, S. M. (2002). Criatividade e desempenho escolar: uma síntese necessária. *Linhas Críticas*, 15, 179-188.